

LARISSA SAYUMI FRANCISCO

**O PAPEL DA ATIVIDADE LÚDICA NO DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DE ELKONIN**

Maringá

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

LARISSA SAYUMI FRANCISCO

**O PAPEL DA ATIVIDADE LÚDICA NO DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DE ELKONIN**

Maringá

2011

LARISSA SAYUMI FRANCISCO

**O PAPEL DA ATIVIDADE LÚDICA NO DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DE ELKONIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual de Maringá – UEM, como parte  
das exigências para a conclusão do curso de Pedagogia  
sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marta Sueli de Faria Sforni.

Maringá

2011

LARISSA SAYUMI FRANCISCO

**O PAPEL DA ATIVIDADE LÚDICA NO DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DE ELKONIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual de Maringá como requisito  
parcial para obtenção do Título de Pedagogia, sob a  
orientação da Professora Doutora Marta Sueli de  
Faria Sforzi.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marta Sueli de Faria Sforzi

---

Prof<sup>a</sup> Ms Celma Regina Borghi Rodrigues

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Maria Rosin

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço primeiramente a **Deus** pela realização deste trabalho, que me proporcionou fé, força, coragem, para prosseguir essa caminhada.*

*A **minha família**, minha mãe Edina, meu pai Moacir, meu padrasto Mauricio, minha irmã Talitha, meu irmão Raphael, meus tios, tias, madrinha Célia, avós e primas, Yumi, Lucimara, Lucilene, que estiveram presente em mais essa etapa de minha vida, amo vocês.*

*Ao **meu namorado** Alyson que nunca mediu esforços e sempre esteve ao meu lado, dando força e coragem. Obrigada meu amor, te amo.*

*Ao **PET-Pedagogia**, em especial a minha querida tutora Sheila Rosin, aos queijos Petianos, que fizeram parte desse trabalho: Patricia, Pricila, Thais, Tatiana, Larissa, Ana Maria, Eliane, Mayse, Helena, Cintia, Gilmar, Ariane, Aline, Denis, Rita, Andressa, Michely e Valquiria, meus sinceros agradecimentos, esse grupo fez a diferença em minha vida, muito obrigada pela força durante esses anos.*

*As **amigas da Faculdade**, Angelika, Mariana, Pricila, Geisa, Bruna, Joyce, Josiane, Sheyla, Franciele. Tantos trabalhos, provas, planejamentos, relatórios, estágios, muitas risadas, choros, conselhos. Sentirei muitas saudades, Obrigada meninas!*

*A **minha querida orientadora** Marta Sueli de Faria Sforzi, que durante toda essa caminhada esteve ao meu lado, sempre disposta a orientar, a corrigir, a ensinar e dar conselhos. Muito obrigada por tudo!*

*A **minha admirada orientadora de PIC** Celma Regina Borghi Rodriguero, pessoa muito querida, que sempre incentivou a correr atrás de meus objetivos, por mais difícil que fosse, pois o esforço sempre vale a pena. Muito obrigada!*

*Se não fosse todos vocês meu Trabalho não seria o mesmo.*

**Muito obrigada!**

# O PAPEL DA ATIVIDADE LÚDICA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DE ELKONIN

Larissa Sayumi Francisco<sup>1</sup>

Marta Sueli de Faria Sforni<sup>2</sup>

## Resumo

Autores como Brougère; Wajskop; Kishimoto; Santos; Vigotsky, dentre outros, realizam discussões que enfatizam a importância das atividades lúdicas para o processo de desenvolvimento infantil, pois essas possibilitam à criança o desenvolvimento de habilidades motoras, psicomotoras, cognitivas, físicas e emocionais. Vigotsky(1998), destaca que, mediante a atividade lúdica a criança é levada a imitar o comportamento e a linguagem dos adultos, para isso mobiliza a atenção, a memória, a imaginação, dentre outras funções psíquicas superiores. Nesta linha de pensamento, o desenvolvimento é conquistado pela criança, por meio das experiências vividas com os adultos, que os ajudam a realizar atividades, o que, posteriormente, a criança conseguirá realizar sozinha. Desta forma, sabe-se que a atividade lúdica é importante para o desenvolvimento da criança, no entanto, muitas vezes, há apenas a afirmação dessa importância sem que fique claro como e em que condições a atividade lúdica exerce esse papel formativo. Ou seja, é preciso avançar nesses estudos visando responder as seguintes perguntas: como e porque as atividades lúdicas promovem o desenvolvimento? O que há nessas atividades lúdicas que as tornam tão importante para o desenvolvimento infantil? Assim, por meio desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), objetiva-se analisar como a atividade lúdica promove o desenvolvimento da criança, refletindo acerca das funções do jogo no desenvolvimento psíquico dos pré-escolares. O presente estudo é de cunho teórico, fundamentando-se na produção teórica de Elkonin, importante representante da abordagem Histórico-Cultural. Os resultados dessa pesquisa apontam que o jogo de papéis sociais é fundamental ao desenvolvimento infantil, pois por meio dele a criança exercita, principalmente, a imaginação, a atenção e a memória para reproduzir as atividades que ela vê os adultos realizando. Também, ao reproduzir essas atividades, ela vai ampliando seu conhecimento sobre o mundo. Do ponto de vista pedagógico, é essencial o papel do professor nesse processo, a medida em que ele pode criar situações com várias possibilidades de temas, para que a criança possa brincar para além daquilo que lhe é oferecido pelo seu cotidiano, expandindo, assim, o conhecimento dela sobre o mundo.

**Palavras-chave:** Atividade lúdica; Educação infantil; Desenvolvimento infantil.

## Abstract

Authors such as by Brougère; Wajskop; Kishimoto, Santos; Vygotsky, among others carry out discussions that emphasize the importance of playful activities for child development process, these enable the child to develop motor, psychomotor, cognitive, physical and emotional skills. Vygotsky points out that, through play activity the child is led to mimic the behavior and language of adults,

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia e Mestrado em Educação pela UEM, Doutorado em educação pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor adjunto da UEM, e membro docente do Programa de Pós-graduação em Educação. É coordenadora do programa de Desenvolvimento educacional (PDE), na UEM.

stimulating memory, imagination, among other higher mental functions. In this line of thought, development is achieved by the child through experiences with adults who help them carry out activities, which subsequently, the child can accomplish by itself. Thus, it is known that the play activities are important for child development, however, there is often the claim of such importance without it being clear as how and under what conditions the play activity exerts its formative role. In other words, it is necessary to progress in these studies to answer the following questions: how and why do play activities encourage development? What is in those recreational activities that make them so important to child development? Through this final graduation paper, the objective is to analyze how play activity encourages the child's development, considering the functions of play in preschoolers' psychic development. This study is of theoretical traits based on the theoretical production of Elkonin, an important representative of the historical-cultural approach. These study results show that play of social roles is critical to child development, because through them the child mainly exercises the imagination, attention and memory to reflect the activities that it sees adults doing. When doing playing these activities, it will also expand its knowledge about the world. From the pedagogical point of view, the professor's role in this process is essential to the extent that it can create situations with a variety of topics, so that the child can play, expanding its knowledge of the world, beyond what is offered by everyday life.

**Keywords:** playful activity; Early Childhood Education, Child Development.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>09</b>
<b>2. Considerações sobre a contribuição e a valorização do brincar.....</b>	<b>10</b>
<b>3. A natureza do jogo de papéis sociais.....</b>	<b>13</b>
<b>4. Premissas do jogo protagonizado.....</b>	<b>21</b>
<b>5. Considerações finais.....</b>	<b>27</b>
<b>6. Referências.....</b>	<b>29</b>

## 1. Introdução

Que brincar é importante e contribui para o desenvolvimento das crianças não é novidade na área educacional. Desde o século XVIII, temos autores e Políticas Públicas que realizam discussões sobre este tema.

Desta forma, o presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo realizar um estudo de cunho teórico, a fim de analisar como a atividade lúdica promove o desenvolvimento da criança, refletindo acerca das funções do jogo no desenvolvimento psíquico dos pré-escolares.

O interesse sobre a temática surgiu, a partir, de uma vivência de estágio na Educação Infantil, em uma sala de maternal I. Neste dia o que chamou mais a atenção, foi à maneira como as auxiliares aplicavam a brincadeira, jogavam a caixa de brinquedos no chão e falavam: “podem brincar”! Nesse momento as auxiliares ficavam fazendo outras coisas, e não davam atenção as crianças.

Alguns questionamentos começavam a surgir: será que apenas o fato de disponibilizar a caixa de brinquedos para as crianças, acarretará a brincadeira? Não seria importante a presença das educadoras na hora da atividade? Afinal, a brincadeira não deve ser encarada apenas como passatempo, muito pelo contrário, deve haver direcionamento, objetivos, enfim, é na idade pré-escolar que as crianças estão em pleno desenvolvimento das habilidades motoras, psicomotoras, cognitivas e emocionais e dessa forma precisam ser estimuladas.

Neste sentido, a problemática que se almeja investigar é exposta da seguinte forma: Como e porque as atividades lúdicas promovem o desenvolvimento? O que há nessas atividades lúdicas que as tornam tão importante para o desenvolvimento infantil?

Dessa forma, a pesquisa justifica-se pela necessidade de se conhecer melhor como e em que condições a atividade lúdica exerce papel formativo, promovendo o desenvolvimento da criança, afinal o brincar acontece a partir da relação que a criança tem com a sociedade e a cultura, ela cria a partir daquilo que vivência.

A criança se desenvolve em períodos, cada período possui uma atividade principal que direciona esse desenvolvimento, sendo assim, a atividade principal da idade pré-escolar é o jogo protagonizado, cuja essência, afirma Elkonin (2009) não é o objeto, nem seu uso, mas sim as relações existentes entre as pessoas, que elas constituem, mediante as suas ações com os objetos. Salientando assim, que o importante é a relação homem-homem e não homem-objeto. Pois, por meio da relação entre as pessoas os objetos passam a ser utilizados, por

exemplo, uma criança ao incorporar o papel de caixa de uma loja, fará a relação com os clientes utilizando o objeto dinheiro para a brincadeira.

## **2. Considerações sobre a contribuição e a valorização do brincar**

De acordo com Wajskop (1997) desde os primórdios da educação greco-romana, com base nas ideias de Platão e Aristóteles, a brincadeira era praticada apenas por prazer e divertimento, seja em casa, seja em instituições para tal fim.

Segundo a autora “é apenas com a ruptura do pensamento romântico que a valorização da brincadeira ganha espaço na educação das crianças pequenas” (WAJSKOP, 1997, p.19). A partir dos trabalhos de Comenius (1953), Rousseau (1712) e Pestalozzi (1746) surge um novo “sentimento da infância” que protege as crianças e que auxilia este grupo etário a conquistar um lugar como categoria social.

Ainda sobre esse trajeto histórico, Wajskop (2005) salienta que, a partir dos séculos XIX e XX, houve maior aceitação do lúdico na vida da criança em decorrência das ideias que passam a ser defendidas pelos teóricos desse tempo, assim a infância passou a ser mais respeitada e o brincar tornou-se mais significativo na vida das crianças. Houve, em consequência, uma valorização das brincadeiras pedagógicas nas propostas da Educação Infantil, o que possibilitou aceitação dessa atividade por parte dos educadores.

A literatura atual demonstra que o brincar deve fazer parte das atividades realizadas na Educação Infantil, pois neste período a criança está vivenciando intenso desenvolvimento. Muitos autores e documentos discutem o brincar como uma atividade educativa, pois ao ser executado, possibilita à criança criar circunstâncias importantes para a sua aprendizagem e, conseqüentemente, para o seu desenvolvimento.

A brincadeira promove o desenvolvimento de todos os domínios da criança [...] proporciona o desenvolvimento físico, tanto de habilidades de coordenação fina como grossa. Quando as crianças brincam ao ar livre, elas praticam uma série de habilidades motoras, como correr, pular, saltar, rolar, etc. Quando brincam com os brinquedos, elas usam habilidades motoras finas, juntando as peças dos quebra-cabeças, colorindo, pintando, brincando de casinha, vestindo e desvestindo bonecas (BOMTEMPO; ANTUNHA E OLIVEIRA, 2006, p.33).

Nesta perspectiva, verifica-se o quanto é importante que a criança brinque, pois é uma atividade que possui objetivos, não acontece por acaso, como foi citado acima, ela promove o

desenvolvimento da criança, tanto uma brincadeira livre de pular, correr, rolar, quanto a brincadeira com brinquedos.

Arce e Simão (2006, p.72) acreditam que “o jogo não é uma atividade livre na qual qualquer coisa pode acontecer e a criança esta totalmente fora da realidade; o jogo é uma atividade que possui uma finalidade e um resultado a ser atingido”. Santos (1992, p.12) enfatiza quais as contribuições da atividade lúdica para o desenvolvimento infantil:

O brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio desenvolvimento.

Segundo Mukhina (1995) no primeiro ano de vida, a criança alcança grandes êxitos em seu desenvolvimento sensório-motor e na manipulação mais simples dos objetos. Aprende a sustentar a cabeça, a sentar, a engatinhar, fica em pé, começa a estender a mão em direção aos objetos entre outros gestos. Essas são premissas para que a brincadeira aconteça, em um primeiro momento a criança manipula os objetos, ela pega, observa, morde, cheira, aperta, joga de um lado para o outro, para que, em um segundo momento, ela possa se apropriar desses objetos na brincadeira. Arruda in Camargo; Rosin (2005, p.23) afirmam que:

O exercício das atividades motoras pela criança, além de exercer papel preponderante no desenvolvimento somatório e funcional, estimula e desenvolve as suas funções psíquicas. Daí a razão de ser da educação do corpo como instrumento e como fator de equilíbrio geral do organismo.

De acordo com Kishimoto (2008, p.18), autora que discute o papel do brincar e da brincadeira nas práticas educativas, “[...] o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e sua indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização”. Nesse sentido Kishimoto (1997, p.23) destaca que o brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que invocam aspectos da realidade. Um exemplo é a manipulação de uma boneca, em que a criança brinca de mamãe e filhinha, ou seja, a criança passa a representar na brincadeira o que ela vê na realidade, ela faz com a boneca o que vê a mãe fazer com ela.

Outra questão salientada por Kishimoto (2008) é que o brinquedo pode assumir diferentes significados, seja ele um objeto destinado a divertir uma criança, ou um brinquedo educativo, também chamado de jogo educativo<sup>3</sup>.

No campo da psicologia da educação também tem sido bastante destacada a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento geral dos sujeitos. É bastante conhecida, nesse campo, a produção de Vigotsky, um dos representantes da Teoria Histórico-Cultural. Nesta linha de pensamento, o desenvolvimento é conquistado pela criança, por meio das experiências vividas com os adultos, que os ajudam a realizar atividades, o que posteriormente, a criança irá realizar sozinha. Vigotsky (1998, p.134-135) deu atenção especial ao tema que é objeto deste trabalho, isto porque, segundo ele:

O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento.

Nesse sentido, Vigotsky (1998) salienta que o brinquedo é extremamente importante para o desenvolvimento da criança, provocando mudanças na sua forma de se relacionar com o mundo, criando situações que a auxiliam a desenvolver e internalizar regras, formar conceitos. Ressalta ainda que a criança quando está brincando, comporta-se de maneira diferente do que acontece em sua vida cotidiana, age conforme o modo de funcionamento daquilo que imita, internalizando regras.

Conforme o pensamento vigotskyano, ao brincar a criança simboliza e atribui seu próprio significado ao objeto, busca a imaginação e a criatividade. Por exemplo, ao brincar de andar a cavalo a criança utiliza o objeto cabo de vassoura e imagina estar realizando a ação de cavalgar. Por isso o brinquedo tem grande importância no desenvolvimento, pois cria novas relações entre situações imaginadas e situações reais.

Além das produções acadêmicas, a defesa da atividade lúdica como parte da atividade pedagógica é encontrada também em documentos que orientam as políticas públicas brasileiras para a Educação Infantil. No Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, vol.1, p.13) “o direito da criança a brincar como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil.” Encontramos nos referências que:

---

<sup>3</sup> Segundo Kishimoto (2008), o jogo educativo surgiu no tempo do Renascimento porém ganhou força com a expansão da Educação Infantil.

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil (BRASIL, 1998, p.23).

O documento enfatiza que a brincadeira favorece a auto-estima da criança, a imaginação e a criatividade. Além de que, por meio do brincar, a criança quer assumir os papéis que observa os adultos fazerem, para desempenhar esses papéis ela brinca de imitar.

Dessa forma, tanto nas afirmações dos pesquisadores do campo educacional, quanto nas políticas públicas confirma-se a importância e contribuição do brincar nas práticas educativas para o desenvolvimento infantil, todavia, cabe perguntar: será que a atividade lúdica acontece na prática pedagógica? Como deve ser a brincadeira no espaço escolar para que ela promova o desenvolvimento dos alunos? Enfim, em que condições essas atividades exercem papel formativo?

São questões importantes a serem respondidas e investigadas, pois há necessidade de pesquisas acadêmicas que reforcem a importância desta prática nos Centros de Educação Infantil, para que entendam que não basta saber a importância e a contribuição das atividades lúdicas, é preciso que se atente sobre como, para que e em quais condições as brincadeiras exercem papel formativo.

### **3. A natureza do jogo de papéis sociais**

Os estudos realizados até então, apesar de importantes, não apresentaram respostas aos questionamentos apresentados acima. Por esse motivo optamos por continuar os estudos na Teoria Histórico-Cultural, considerando que essa poderia nos oferecer pistas para responder as dúvidas que até então persistiam. Em busca de maiores subsídios teóricos, conhecemos a produção de Daniil B. Elkonin<sup>4</sup>, um dos autores da psicologia histórico-cultural que dedicou boa parte de sua atividade, como pesquisador, às investigações sobre a atividade lúdica.

---

<sup>4</sup> Elkonin nasceu em 29 de fevereiro de 1904, numa pequena aldeia chamada Peretshepino, na província de Poltava, Ucrânia. Ao longo de sua vida, testemunhou e participou de acontecimentos e mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais, que marcaram diretamente sua trajetória científica. Não só foi um eminente psicólogo soviético, como também especialista nas áreas de Pedagogia e da Psicologia infantil. No período de 1914 a 1920, Elkonin estudou no seminário de Poltava. Com o intuito de continuar seus estudos, em 1922, ingressou como ajudante dos cursos políticos militares, sendo também educador, durante dois anos, em uma colônia de reeducação de crianças e jovens órfãos e ex-delinquentes. O interesse pela psicologia, somado com suas experiências anteriores com crianças aproximaram Elkonin de Vygotsky, em Leningrado, quando este vinha

Segundo Elkonin (1987, apud Facci, 2004) os principais estágios de desenvolvimento pelos quais os sujeitos passam são:

- Primeiro estágio: Comunicação emocional do bebê;
- Segundo estágio: atividade objetual manipulatória;
- Terceiro estágio: jogo de papéis;
- Quarto estágio: atividade de estudo;
- Quinto estágio: comunicação íntima pessoal e atividade profissional/estudo.

Esses são os estágios apresentados por Elkonin, no qual cada período de desenvolvimento há uma atividade principal. Porém, neste trabalho, iremos focar o terceiro estágio, que acontece na fase pré-escolar, tendo como atividade principal o jogo/brincadeira.

O jogo de papéis é uma atividade muito importante, pois possibilita grande desenvolvimento da criança. A criança passa a realizar certas ações com a ajuda dos adultos, ou mesmo, ações que a criança observa serem realizadas ao seu entorno. Por isso, a importância das relações do adulto com a criança.

Nessa fase a criança passa a fazer o que os adultos fazem e a usar os objetos que eles utilizam, ou seja, a imitar ações. Facci (2004), utilizando os mesmos argumentos de Vygotsky (1996) e Elkonin (1987) afirma que a brincadeira da criança não é espontânea, a criança passa a brincar por meio da reprodução das ações realizadas pelos adultos.

Na perspectiva de Elkonin (2009), a atividade lúdica não é algo natural da criança, que já nasce com ela, mas sim socialmente construída. Ao brincar a criança conhece e relaciona-se com a sociedade em que vive. Por meio da brincadeira ela conhece o objeto, manipula-o, até que aprende a utilizá-lo na brincadeira, buscando imitar o que os adultos a sua volta realizam. Segundo Elkonin (2009, p.36) “[...] as teorias biológicas do jogo, que partem dos instintos e

---

com frequência ao Instituto realizar conferências e dirigir os cursos de pós-graduação nos anos de 1931 e 1932. Essa aproximação e esse período foi o que determinou a esfera de interesses de Elkonin: a psicologia e a pedagogia infantil (B. D. ELKONIN, 2007). Nesse período, Elkonin começou a trabalhar com Vygotsky, sendo seu auxiliar, estudando os problemas da brincadeira no desenvolvimento infantil. As décadas de 1920 e início da de 1930 foram marcadas pelo ingresso de Elkonin na Escola de Vygotsky e o início de suas primeiras pesquisas em relação a brincadeira infantil. Embora Elkonin tenha trabalhado junto a Vygotsky pouco mais de quatro anos, devido a morte prematura de Vygotsky em 1934, manteve contato com outros pesquisadores dessa linha, como Leontiev, Galperin, Davidov, Zaporozhets e outros, com os quais desenvolveu pesquisas e trabalhos intimamente ligados com a diretriz Histórico-Cultural. Como podemos observar, Elkonin, até os últimos anos de sua vida, lutou para que a Psicologia Histórico-Cultural fosse estudada e sobretudo entendida na base de quem a iniciou: Vygotsky. Após oito vividas décadas, Daniil Borisovich Elkonin morreu no dia 4 de outubro de 1984. Para seus amigos, ele foi uma pessoa brilhante, ativa e emocional (LAZARETTI, 2008).

impulsos primários da criança, não podem explicar de maneira satisfatória seu conteúdo social.” É com o afirma Facci (2004, p.65-66):

As funções psicológicas superiores (tipicamente humanas, tais como a atenção voluntária, memória, abstração, comportamento intencional etc.) são produtos da atividade cerebral, tem uma base biológica, mas, fundamentalmente, são resultados da interação do indivíduo com o mundo, interação mediada pelos objetos construídos pelos seres humanos.

Nesse sentido, Elkonin (2009) destaca que a base do jogo é social, pois a natureza e sua origem nascem das condições de vida da criança em sociedade. A criança brinca de acordo com as relações que ela vivência, e principalmente das atividades que ela vê os adultos realizando. Essa mesma concepção é compartilhada por Brougère (1995, p.97):

A brincadeira humana supõe contexto social e cultural. É preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura.

Com base nos estudos da obra “A psicologia do jogo”<sup>5</sup> de Elkonin (2009) observa-se a vasta riqueza em relação ao jogo protagonizado que segundo ele é a atividade principal da idade pré-escolar. O aparecimento dessa atividade, para esse autor, depende do lugar em que a criança ocupa na sociedade. Por exemplo, a criança que vive em condições sociais menos favorecidas, não brinca da mesma coisa que uma criança da classe média alta. Por isso, segundo Elkonin (2009, p.48), “[...] a natureza dos jogos infantis só pode compreender-se pela correlação existente entre eles e a vida da criança na sociedade”.

Conforme foi dito acima o “jogo protagonizado é a atividade principal da idade-pré-escolar”, atividade principal, não pelo fato de ser a que mais ocorre nesse período da vida, mas no sentido de ser a atividade que mais promove o desenvolvimento da criança nesta idade.

---

<sup>5</sup> A obra *Psicologia do Jogo* é resultado de mais de meio século de investigações teóricas e experimentais de Elkonin e reúne uma coletânea de trabalhos produzidos pelo autor no decorrer de sua carreira científica. No Brasil, essa é a sua única obra traduzida. O livro traceja em suas páginas como procederam aos estudos sobre a brincadeira infantil, do interesse inicial de Elkonin ao observar como suas filhas brincavam e das teses lançadas por Vygotsky na conferência ministrada no Instituto Pedagógico de Herzen, em Leningrado, intitulada *O papel da brincadeira no desenvolvimento psíquico da criança* em 1933. Dessas duas vias fundamentais principiadas, os estudos foram ganhando forma e contaram com inúmeras contribuições dos psicólogos Leontiev, Lukov, Fradkina, Slavina e outros (LAZARETTI, 2008).

Segundo Leontiev (2006, p.64) a “atividade principal” da criança é definida por três atributos fundamentais:

1. Ela é a atividade em cuja forma surgem outros tipos de atividade dentro da qual eles são diferenciados. Por exemplo, a instrução no sentido mais estreito do termo, que se desenvolve em primeiro lugar já na infância pré-escolar, surge inicialmente no brinquedo, isto é, precisamente na atividade principal deste estágio do desenvolvimento.
2. A atividade principal é aquela na qual processos psíquicos particulares tomam forma ou são reorganizados. Os processos infantis da imaginação ativa, por exemplo, são inicialmente moldados no brinquedo e os processos de pensamento abstrato, nos estudos. Daí não se segue, porém, que a modelagem ou a reestruturação de todos os processos psíquicos só ocorra durante a atividade principal. Certos processos psíquicos não são diretamente modelados e reorganizados durante a própria atividade geneticamente ligadas a ela. Os processos de observação e generalização de cores, por exemplo, não são moldados, durante a infância pré-escolar, no próprio brinquedo, mas no desenho, nos trabalhos de aplicação de cores etc.; isto é, em formas de atividades que só estão associadas à atividade lúdica em suas origens.
3. A atividade principal é a atividade da qual dependem, de forma íntima, as principais mudanças psicológicas na personalidade infantil, observadas em certo período de desenvolvimento. É precisamente no brinquedo que a criança, no período pré-escolar, por exemplo, assimila as funções sociais das pessoas e os padrões apropriados de comportamento (“o que é um soldado do Exército vermelho?”, “O que fazem em uma fábrica o diretor, o engenheiro e o operário?”), e este é um momento muito importante de modelagem de sua personalidade.

Dessa forma, a atividade principal é destacada por Leontiev (2006, p.65) “[...] como uma atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança, em certo estágio de seu desenvolvimento.” Isto quer dizer que os estágios de desenvolvimento não possuem apenas um conteúdo específico em sua atividade principal, por exemplo, a atividade principal da idade pré-escolar é o jogo, mas não quer dizer que ele será praticado o tempo todo, mas por ser a atividade principal desse estágio é a que mais promoverá o desenvolvimento neste período.

Deve-se também esclarecer o uso do termo pré-escolar, este se refere ao período anterior ao ingresso da criança no Ensino Fundamental obrigatório, sendo assim, não está ligado à “instituição” pré-escolar, ou à criança que frequenta essas instituições, conforme o significado que o termo tem no Brasil.

De acordo com Elkonin (2009, p.23) “[...] é claro que toda atividade, e o jogo não é exceção, pode decompor-se numa soma de faculdades: percepção + memória + pensamento +

imaginação; talvez seja possível, inclusive, determinar com certo grau de precisão o peso de cada um desses processos nas diversas etapas de desenvolvimento de um ou outro jogo”.

Um pedaço de madeira com barbantes, uma casca de noz, uma coisa sem nenhum valor, como pedrinhas, folhas de árvores e o conteúdo de uma cesta de papéis adquirem grande significado em virtude da viva fantasia infantil, que transforma os pedaços de papel em xícaras barcos, animais e pessoas (PREYER, 1894, p.51 Apud ELKONIN, 2009, p.25).

Sob o enfoque anteriormente descrito, é incrível analisar como a criança utiliza a imaginação e a fantasia, os objetos se transformam no que elas querem, ou seja, um cabo de vassoura pode ser transformado num cavalinho, as folhas da árvore é comidinha das bonecas, enfim, os objetos são transformados de acordo com a brincadeira do momento. Muitas vezes a criança faz isso porque não tem oportunidade de praticar ações do cotidiano. Por exemplo, o filho vê o pai andando a cavalo, mas no momento suas condições físicas ainda não lhe permite realizar essa ação “[...] principalmente porque a criança ainda não dominou e não pode dominar as operações exigidas pelas condições objetivas reais da ação dada” (LEONTIEV, 2006, p. 121). Afirma o autor:

[...] a criança assimila o mundo objetivo como um mundo de objetos humanos reproduzindo ações humanas com ele. Ela guia um “carro”, aponta uma pistola, embora seja realmente impossível andar em seu carro ou atirar com sua arma. Mas neste ponto de seu desenvolvimento isto é irrelevante para ela, porque suas necessidades vitais são satisfeitas pelos adultos, independentemente da produtividade concreta de seus atos (LEONTIEV, 2006, p.59).

Uma vez que as crianças não podem realizar algumas ações que presenciam os adultos fazendo, buscam, por meio da brincadeira, executá-las, como já vimos anteriormente. Pode-se analisar esse fato no experimento relatado por Elkonin (2009), no livro “Psicologia do jogo”:

Um grupo de crianças, depois de ter conhecido uma estação ferroviária durante uma viagem ao campo, brinca de “estrada de ferro” num quarto amplo. Antes de começar a brincadeira, a responsável pelo grupo prepara com as crianças alguns objetos: um gorro vermelho para o chefe da estação, um pau com um aro de madeira, biscoitos de verdade para a cantina, a inscrição “venda de passagens” etc. As crianças se organizam e começam o jogo, um é o chefe, outro é o maquinista, outro o vendedor de passagens, alguns são passageiros. Interessante que ao interpretar os papéis as crianças utilizam os objetos de acordo com o papel que estão assumindo.

Após expor a forma que ocorreu o jogo, Elkonin (2009) destaca os seguintes aspectos: os papéis assumidos pelas crianças (o chefe da estação, maquinista, bilheteria, dona da cantina e passageiros); em um segundo momento, as ações lúdicas de caráter sintético e abreviado, no qual as crianças estabelecem relações umas com as outras; em terceiro, o emprego lúdico dos objetos, pois eles substituem objetos para a realização das ações, por exemplo, o papel torna-se dinheiro, as bonecas os passageiros, etc. e, por último, as relações autênticas entre as crianças, que são apresentadas nos diálogos de acordo com os papéis representados.

Segundo Elkonin (2009, p.29) “[...] o aspecto central que agrupa todos os demais é o papel assumido pela criança. [...] são justamente o papel e as ações dele decorrentes o que constitui a unidade fundamental e indivisível da evolução da forma de jogo [...]” Para o autor:

Quanto mais abreviadas e sintetizadas são as ações, tanto maior é a profundidade com que se refletem no jogo o sentido, a missão e o sistema de relações entabuladas na atividade reconstruída dos adultos; quanto mais complexas e desenvolvidas são as ações lúdicas, tanto maior é a clareza com que se manifesta o conteúdo objetivo e concreto da atividade reconstruída (ELKONIN, 2009, p.29).

Segundo Elkonin (2009), Utchinski, um dos autores que também pesquisou o jogo protagonizado, destacou que essa atividade acontece de acordo com a realidade que circunda a criança. Desta forma, salientou que “[...] a única coisa que os adultos podem fazer no jogo, sem destruir o seu caráter lúdico, é influir, fornecendo material para as construções que a própria criança já fará por sua conta” (UTCHINSKI, apud ELKONIN, 2009, p.30)

Como afirmado anteriormente, a criança faz na brincadeira aquilo que ela vive na realidade. Por isso, é importante a mediação do adulto, no sentido de criar situações com conteúdos, objetos e materiais, para que assim, a criança possa ter mais condições de representar diversos fenômenos da realidade e não apenas aquele vinculado a sua realidade imediata.

Elkonin (2009, p.30), reconhece a relação existente entre a brincadeira e a realidade, mas não se contenta em apenas afirmar que há uma relação, ele quer saber mais, expressa isso da seguinte forma: “[...] uma das questões principais é averiguar que fator concreto da realidade que circunda a criança exerce uma influencia determinante no jogo protagonizado.”

Em busca de resposta a essa questão, Elkonin acompanha alguns experimentos realizados com crianças nessa faixa etária. As crianças de um jardim de infância realizam uma excursão ao “Jardim Zoológico”. A educadora começou o passeio mostrando o comportamento dos diversos animais, o que comem, como se comportam, etc. Em outro

momento, na sala de aula, a educadora levou imagens dos diversos animais que haviam no zoológico, pensando que as crianças fossem reproduzir a brincadeira, mas a mesma não aconteceu.

Então, em um segundo período, a educadora repetiu o passeio, mas agora analisando outros aspectos: os visitantes e a relação entre os trabalhadores do zoológico (os que cuidam dos animais, que limpam, que vendem os bilhetes, o pessoal da cozinha, etc.) Após o segundo passeio, as crianças conseguiram reproduzir na brincadeira os papéis sociais observados na visita ao zoológico, elas incorporavam o papel dos trabalhadores, ou seja, suas relações, por exemplo, relação do visitante ao zoológico com o vendedor de ingressos.

Essa experiência de trabalho com as crianças é muito importante, pois nos permite analisar primeiramente que os papéis incorporados pelas crianças estão de acordo com as relações sociais que elas vivenciam e em segundo, a relação que elas estabelecem entre os objetos e as ações, por exemplo, ao imitar o papel do vendedor de bilhetes, a criança se apropria do objeto papel que seria uma substituição do bilhete e do dinheiro, para realizar a ação de vendedor e assim vender os bilhetes para a entrada no zoológico. Por isso é muito importante a relação do objeto com a atividade das pessoas, as duas esferas estão relacionadas, sendo então dependentes.

Em um jogo, as condições da ação podem ser modificadas: pode-se usar papel, em vez de algodão; um líquido imaginário; em vez de álcool, mas o conteúdo e a seqüência da ação devem, obrigatoriamente, corresponder à situação real (LEONTIEV, 2006, p.126).

A citação acima trata-se de um exemplo do trabalho de Fradkina (apud Leontiev (2006, p.125), no qual diz respeito à brincadeira de vacinação contra varíola, interessante que durante a brincadeira elas operavam da mesma forma que os adultos, realizando todos os processos que os mesmos utilizam para vacinar o paciente. Primeiro passavam o algodão no braço, esfregavam com álcool e posteriormente aplicavam a vacina. Porém, a criança não utilizava os mesmos objetos que os adultos, mas substituía por outros, para que a ação fosse realizada.

Dessa forma, de acordo com Elkonin (2009, p.34), “[...] as crianças só começam a brincar depois de saber o que as pessoas faziam, como trabalhavam e que relações se estabeleciam entre elas no processo de produção [...].”

Retomando a dúvida exposta por Elkonin – qual fator concreto da realidade que circunda a criança exerce uma influência determinante no jogo protagonizado – ele conclui

que o que mais influi no jogo, a sua essência, não são os objetos, nem seu uso, mas sim as relações existentes entre as pessoas, que elas constituem, mediante as suas ações com os objetos. Salientando assim, que o importante é a relação homem-homem e não homem-objeto. Pois, por meio da relação entre as pessoas, os objetos passam a ser utilizados, por exemplo, uma criança ao incorporar o papel de caixa de uma loja, ela estabelecerá a relação com os clientes utilizando o objeto dinheiro para a brincadeira.

Se a atividade humana é que prepondera no tipo de brincadeira que a criança realiza, os temas das brincadeiras variam conforme o contexto social em que a criança está inserida, é o que explica Elkonin (2009, p.34):

Uma vez que a atividade concreta das pessoas e suas relações são variadíssimas na realidade, também os temas dos jogos são muito diversificados e cambiáveis. Nas diferentes épocas da história, segundo as condições sócio-históricas, geográficas e domésticas concretas da vida, as crianças praticaram jogos de temática diversa. São diferentes os temas dos jogos das crianças de diferentes classes sociais, dos povos livres e dos povos oprimidos, dos povos nórdicos e dos povos meridionais, dos que habitam em regiões arborizadas ou desérticas, dos filhos de operários industriais, de pescadores, de criadores de gado ou agricultores. Inclusive uma mesma criança muda o tema de seus jogos segundo as condições concretas em que se encontra temporariamente.

Nessa concepção, Elkonin (2009) salienta que há uma variedade de temas, o mesmo muda de acordo com as condições sociais concretas da vida da criança, todos eles contêm de início, mesmo conteúdo, que seria a atividade do homem, e as relações sociais entre as pessoas. O conteúdo é aspecto característico central representado pela criança, a partir da atividade e da relação dos adultos em sua vida social e de trabalho.

Interessante como o tema depende de fatores culturais, sociais e econômicos, no qual a criança está inserida. Já o conteúdo, este é semelhante de início a todas as crianças, que é a atividade do homem, ou seja, as relações sociais existente entre as pessoas, no entanto, ambas incorporam no jogo aspectos da atividade humana.

#### **4. As premissas do jogo protagonizado**

Para que a atividade lúdica aconteça é preciso à formação das coordenações sensório-motoras que são fundamentais para que a criança consiga primeiramente segurar, apoiar, manipular e a atuar com os objetos. Mas também esse desenvolvimento, aparentemente apenas biológico, depende das interações sociais. De acordo com Elkonin (2009, p.208) “[...] o desenvolvimento dos aparelhos sensoriais está implícito desde o começo na interação da criança com os adultos que dela cuidam e transcorre em função de um processo de aprendizagem.” Dessa forma, é muito importante a mediação do adulto, pois é quem irá estimular a criança, mostrando o objeto, fazendo movimentos e estimulando a criança a utilizá-lo.

Tem suma importância para o desenvolvimento subsequente do ato de preensão as apalpações com as mãos. Pode-se pressupor que no processo desses movimentos para apalpar forma-se a sensibilidade tátil específica e a transformação da palma da mão da criança num aparelho receptor que funciona de maneira ordenada (ELKONIN, 2009, p.208).

A criança ao ver o objeto, sente necessidade de alcançá-lo. É a visão do objeto que estimula sua preensão. Abramóvitch (1946 apud Elkonin, 2009, p.209) “[...] observou que, no período compreendido entre quatro e sete meses, o bebê, ao ver um objeto a curta distância, estende imediatamente a mão e procura alcançá-lo.”

A formação primária da preensão e seu ulterior aperfeiçoamento transcorrem na atividade conjunta com os adultos. É precisamente o adulto quem cria diferentes situações em que se aperfeiçoa a direção psíquica dos movimentos das mãos baseados na percepção visual do objeto e em sua distância (ELKONIN, 2009, p.209).

De acordo com que foi descrito acima, Elkonin (2009) destaca o papel primordial do adulto com a criança. O mesmo deve estimular e possibilitar o desenvolvimento da criança, criando situações diversas, ou seja, deve mostrar o objeto, colocá-lo a certa distância, fazendo com que a criança tente alcançá-lo, para que assim possa desenvolver a orientação de espaço e direção. Portanto, pode-se dizer que o adulto é o centro de todas essas situações.

Depois de ter constituído o ato de preensão, o desenvolvimento dos movimentos passa para outra fase. Segundo os dados de Figurin e Denísova (1929, apud Elkonin, 2009, p.210) “[...] o essencial desta fase deriva do surgimento e intenso desenvolvimento de diversos movimentos reiterativos”. Esses movimentos se iniciam com as palmadas no objeto. A criança não se limita a dar palmadas, mas passa a fazer novos movimentos, fazendo com que esses movimentos reiterativos tornem-se mais variados.

Pode-se observar que quando a criança alcança um objeto, ela não se limita a um só movimento, mas realiza várias possibilidades, agita-o, muda de uma mão para a outra, joga no chão, coloca na boca, etc. Figurin e Denísova (1929, apud Elkonin, 2009, p.210) “[...] dizem que simultaneamente com o aparecimento dos movimentos reiterativos aparecem os concatenados ou série de movimentos soltos e diferenciados que se sucedem estritamente uns aos outros.”

Segundo Elkonin (2009), essas manipulações são de extrema importância para o desenvolvimento da criança no primeiro ano de vida, é que, elas dependem muito do adulto que acompanha a criança. Apesar de Elkonin não prescrever uma orientação pedagógica, podemos inferir que, se a criança nessa faixa etária já está freqüentando um centro de educação infantil, o adulto com quem ela mais interage é o educador, portanto, cabe a ele realizar essa mediação. Como seria a mediação nesse momento? Criando situações, oferecendo objetos para que essas manipulações se tornem mais evoluídas, pois elas evoluem quanto mais forem estimuladas e orientadas.

As crianças examinam demoradamente o objeto dando-lhe voltas de um lado e de outro, antes de começar a manipulá-lo. As observações evidenciam que a criança manipula o objeto tanto quanto maiores possibilidades oferecem para a atividade orientadora e investigadora (ROSENGART-PUPKÓ, 1948 apud ELKONIN, 2009, P.210).

Sob o aspecto descrito acima, é necessário que os adultos motivem e orientem as crianças na manipulação dos objetos, pois os movimentos reiterativos e concatenados são essenciais para que posteriormente aconteça a atividade lúdica.

Nesse mesmo enfoque Martins e Eidt (2010, p.680) destacam que “[...] o desenvolvimento infantil vincula-se, portanto, de forma estreita, às condições de aprendizagem promovidas pelos adultos, especialmente no que se refere à manipulação dos objetos, exploração de suas propriedades sensoriais e nomenclatura verbal”.

Outra questão relevante em relação à manipulação dos objetos foi identificada por meio de uma pesquisa desenvolvida por Denísova e Figurin (1929, apud Elkonin, 2009, p.212), que diz respeito “[...] a influência do novo para estimular as ações da criança com os objetos.” Ou seja, nessa pesquisa constatou-se que a criança tem maior interesse pelo objeto novo, por exemplo, ao mostrar a criança um objeto de cor amarela bem chamativa que foi manipulado há minutos atrás, e outros objetos que ela ainda não tinha visto, com certeza a criança irá agarrar e manipular o objeto novo, ela apenas olha o velho, mas não há nenhum interesse em tocá-lo.

Ao ter contato com objeto novo, a criança manipulará e fará posições variadas, de cima para baixo, de um lado para o outro, de uma mão a outra, até que se esgotem as várias possibilidades, assim, a manipulação com o objeto será relativamente prolongada.

Com base nos resultados dessa pesquisa poderíamos perguntar: então nos centros de educação infantil teríamos que ter sempre objetos novos? Mas como fazer isso? Entendemos que o novo aqui referido é o novo para a criança. Para que essa característica de novidade ocorra na educação infantil é preciso que o educador que é o mediador selecione materiais a serem explorados conforme determinados objetivos e estimule a criança, mostrando as várias possibilidades de manipulação. Dessa forma, a partir das diversas manipulações com os objetos, a criança começa a criar também novas situações e ações.

Nesse sentido, não basta disponibilizar “caixas de brinquedos” para as crianças e deixá-las sempre livres para a manipulação como se apenas a interação da criança com os objetos fosse suficiente para o seu desenvolvimento. Selecionar alguns objetos, guardar outros, reapresentá-los às crianças após um tempo, faz com que o interesse dela mantenha-se ativo diante do “novo objeto”.

Elkonin (2009, p.213) destaca que “[...] os dados fáticos das ações reiterativas e concatenadas da criança durante o primeiro ano de vida permitem caracterizá-las da seguinte maneira:”

- 1- As manipulações do primeiro ano aparecem quando se dão todas as premissas necessárias, e são as faculdades de concentra-se, examinar, apalpar, ouvir etc., que se manifestam a partir dos seis meses, assim como os movimentos coordenados cuja regulação obedece a vista.
- 2- Devido à formação do ato de agarrar, a atividade orientadora e exploradora da criança adquire uma forma nova. A orientação para o novo, que evolui no transcurso do segundo semestre, já é uma forma comportamental e não uma simples reação.
- 3- O novo não só estimula a atividade da criança a respeito do objeto, mas também lhe proporciona apoio. As ações da criança de um ano são estimuladas pela novidade dos objetos e sustentadas pelas novas qualidades dos objetos que vão sendo descobertas durante sua manipulação. O esgotamento das possibilidades de novidade implica a cessação das ações com o objeto.

Após a fase de manipulação dos objetos (relação criança-objeto), a criança passa para outro nível de desenvolvimento, tratando-se da origem do jogo protagonizado, neste momento a criança já não utiliza mais o objeto para apalpar, jogar de um lado para o outro, etc.; mas para realizar com ele uma ação com significado social, ou seja, para reproduzir as ações dos adultos. Assim, segundo Leontiev (2006, p.125) “[...] o brinquedo aparece na criança em idade pré-escolar. Ela surge a partir de sua necessidade de agir em relação não apenas ao

mundo dos objetos diretamente acessíveis a ela, mas também em relação ao mundo mais amplo dos adultos.”

A origem do jogo protagonizado possui uma relação com a formação, orientada pelos adultos, das ações com os objetos na primeira infância. Denominamos ações com os objetos os modos sociais de utilizá-los que se formaram ao longo da história e agregados a objetos determinados. Os autores dessas ações são os adultos (ELKONIN, 2009, p.216).

Dessa forma, tem-se o papel do adulto como fundamental na orientação da criança com o objeto, pois a mesma não conseguirá desenvolver a ação sem que o adulto lhe mostre caminhos e situações, por isso é importante que haja um modelo de ação.

Algumas observações feitas por Elkonin com seu neto Andrei, de um ano e pouco há dois anos e alguns meses, (Elkonin, 2009, p.217) “[...] mostram o desenvolvimento das ações com os objetos” e são relatadas pelo autor:

Andrei não sabe descer do sofá. Tenta fazê-lo de cabeça ou de lado. Sua avó ensina-o a descer. Dá-lhe a volta, colocando-o de frente para o encosto, com os pés para fora. Andrei desce então um pé e depois o outro. A avó não deixa de lhe ir dizendo, ao mesmo tempo: “Assim, assim!”. Nas tentativas seguintes, a avó já se limita a ampará-lo, ajudando-o a fazer os movimentos respectivos e estimulando-o: “Assim, assim! Você é um craque!” Passado algum tempo, Andrei está de novo no sofá e tem de descer. Volta-se sozinho de frente para o encosto e depois começa descendo com cuidado, primeiro um pé, depois o outro. Acompanha cada movimento com as palavras “Vovó, assim! Vovó assim!” Uma vez no chão, exclama: “Andrei é um craque [...]”

Com a observação feita acima, vemos como é importante o papel do adulto juntamente com a criança, para o processo de aprendizagem das ações. O adulto deve ensinar a criança, dirigir a sua ação, pois assim, a criança aprenderá para posteriormente realizar tais ações sozinhas, ou seja, com autonomia.

No começo da infância, sublinha Frádkina (1946, apud Elkonin 2009, p.221-222), “[...] as ações da criança com os objetos formam-se num trabalho comum com os adultos que dela cuidam. A criança só atua por sua conta com os objetos usados na atividade conjunta com o adulto, e só da maneira como foram utilizados antes.”

Paulatinamente, vão-se ampliando as ações assimiladoras na atividade conjunta com os adultos, abrangendo uma série de objetos diferentes. As fronteiras dessa transferência ampliam-se ainda mais. Aparece uma série de ações com os objetos que são reflexos de aspectos soltos da vida da criança e dos adultos que a rodeiam (ELKONIN, 2009, p.222).

A criança começa a usar vários tipos de objetos para uma mesma ação. Por exemplo, usa um lápis para escrever, em outra situação usa para mexer a comidinha da boneca, depois pode usá-lo também como colher, para dar de comer à boneca. A criança na etapa primária ainda não consegue distinguir a diferença do objeto nas diferentes ações.

De acordo com Elkonin (2009) durante a evolução das ações com os objetos existem dois tipos de transferências. A primeira é a ação com o objeto, esta acontece quando a criança pratica a ação que ela aprendeu, em outros objetos. Por exemplo, a criança aprende a escovar os dentes, posteriormente ela irá escovar os dentes das bonecas, dos ursinhos, etc. Em um segundo momento faz-se o mesmo, mas agora com um objeto substitutivo, ou seja, a ação com o objeto substitutivo, este acontece como no primeiro caso, a diferença é que a criança utiliza outro objeto para realizar a ação, por exemplo, a criança escova os dentes, não com a escova de dente, mas com uma caneta, um palito, etc. e passa a realizar esta ação com a boneca, ursinho e consigo mesma.

A criança quer realizar as ações que ela vê o adulto fazendo, e como não pode realizá-las, utiliza situações imaginárias com os objetos que estão ao seu alcance. Por exemplo, a criança vê a mãe realizando certas ações como: fazer comida, servir a comida, pentear os cabelos, passar maquiagem, esmalte, etc. e repete essas ações realizadas pela mãe com sua boneca, ursinho, etc. As ações que a criança vivencia na sua relação com os adultos, é praticada na atividade lúdica.

Elkonin (2009) apresenta outro exemplo: Lida de dois anos e quatro meses, brinca durante muito tempo com uma boneca: primeiro, faz-lhe um curativo, depois dança com ela, etc. ao ver um palito de fósforo sobre a mesa, apanha-o, passa-o pela cabeça da boneca e diz: “penteia nenê”, mostra o palito de fósforo à educadora e diz: “nenê chique”, volta a mostrar o palito e diz: “tesoura”, passando o palito pela cabeça da boneca, como se lhe cortasse o cabelo.

Muito interessante como a criança organiza a brincadeira, primeiramente em relação ao papel que ela assume, como se fosse sua filha, pois ela deposita todos os cuidados à boneca, em um segundo momento, ela utiliza um objeto substitutivo (palito de fósforo), para cortar o cabelo da boneca. Essas são ações que os adultos realizam, a criança imita o que ela percebe os adultos fazendo e o que ela vivencia a sua volta.

Assim ocorrem, pois, os começos da ação lúdica. A sua evolução ulterior depende de que apareça e se desenvolva o papel que assumiria a criança, ao executar tal ou tal ação. Nos jogos parecidos com o descrito de Lida produz-se, na realidade, a execução de uma série de ações realizadas pelos adultos,

mas as crianças não se põem os nomes dos adultos cujas ações executam realmente no jogo (ELKONIN, 2009, p.226).

É somente no final dos primeiros anos da infância, entre os dois anos e meio e os três anos, que segundo Elkonin (2009, p.227) “surgem os primeiros indícios de papel, que se expressão em duas séries de fatores.”

Em primeiro momento, põe-se à boneca o nome de uma personagem. Neste primeiro caso, a brincadeira acontece com a ação dos objetos, por exemplo, a criança cria uma situação com uma boneca e um ursinho, a primeira está doente, e o segundo cuida dela. Enquanto está brincando, explica para os adultos mais próximos que o ursinho está cuidando da boneca que está doente.

No segundo momento, a criança fala em nome do objeto, por exemplo, a criança coloca a boneca conversando com o ursinho. Neste momento, a criança não utiliza sua própria fala, mas por intervenção do boneco. Assim, de acordo com Elkonin (2009, p.228), nessas manifestações “[...] vemos indícios da futura fala protagonizada, que não se articula em nome do personagem interpretado pela criança, mas por intermédio do boneco.”

No momento em que a criança conhece o objeto, passa a executar várias ações com um mesmo objeto: ela escova os dentes da boneca, em seguida da de comer com a mesma escova de dente, como se fosse colher. Nesta fase do jogo ainda falta continuidade lógica, esta só começará a aparecer, no fim do primeiro período da infância, entre os dois e três anos (ELKONIN, 2009).

Assim, poderíamos caracterizar o desenvolvimento da estrutura da ação lúdica na primeira infância, tal como foi feito por Frádkina, como o transito da ação univocamente determinada pelo objeto, passando pela utilização variada deste, para as ações ligadas entre si por uma lógica que se reflete a lógica das ações reais na vida das pessoas. Isso já é “o papel em ação” (FRÁDKINA 1946 apud ELKONIN 2009, p.230).

Assim, de acordo com Elkonin (2009, p.230-231) no final do primeiro período da infância, preparam-se as premissas fundamentais para a transição para o jogo protagonizado:

- Inserem-se no jogo objetos substitutivos de objetos reais que recebem um nome adequado à sua significação lúdica;
- Complica-se a organização das ações, a qual adquire o caráter de concatenação reflexiva da lógica das conexões vitais;
- Produz-se uma síntese das ações e sua separação dos objetos;

- Aparece à comparação de suas ações com as ações dos adultos e, de acordo com isso, a criança atribui-se o nome de um adulto;
- Opera-se a emancipação a respeito do adulto. Apresentando-se este a criança como modelo de ação e, simultaneamente, surge à tendência para atuar com independência, mas como adulto.

Portanto, pode-se evidenciar que o jogo não acontece de forma espontânea e sim com a mediação dos adultos, de forma a criar situações e estimular as crianças. Nessa mesma perspectiva, Facci (2004, p.69) salienta que “[...] as brincadeiras das crianças não são instintivas e o que determina seu conteúdo é a percepção que a criança tem do mundo dos objetos humanos [...]”

## **5. Considerações finais**

O objetivo deste trabalho foi o de analisar como a atividade lúdica promove o desenvolvimento da criança, refletindo acerca das funções do jogo no desenvolvimento psíquico dos pré-escolares. Os resultados dessa pesquisa apontam que o jogo de papéis sociais é fundamental ao desenvolvimento infantil, pois por meio dele a criança exercita, principalmente, a imaginação, a atenção e a memória para reproduzir as atividades que ela vê os adultos realizando. Também, ao reproduzir essas atividades, ela vai ampliando seu conhecimento sobre o mundo. Do ponto de vista pedagógico, é essencial o papel do professor nesse processo, na medida em que ele pode criar situações com várias possibilidades de temas, para que a criança possa brincar para além daquilo que lhe é oferecido pelo seu cotidiano, expandindo, assim, o conhecimento dela sobre o mundo.

Dessa forma, podemos salientar que a atividade lúdica só promoverá o desenvolvimento infantil, se houver primeiramente a mediação do professor, pois este terá a função de criar novas situações, novos temas, de modo que a criança possa representar diversos fatos da realidade. Tal ação docente pode ampliar a experiências de mundo da criança, para que ela não fique vinculada apenas a sua realidade imediata.

Nesse sentido, brincar apenas por brincar, brincar somente com temas que a criança vivência em seu cotidiano, não propiciará o desenvolvimento dela. Pois a criança precisa conhecer outros temas e experiências, para sair daquilo que ela já sabe e que pode fazer sem que seja estimulada pela escola. Por exemplo, a criança brinca daquilo que está posto em seu cotidiano, brinca de casinha, de mamãe e filhinha, de médico, de manicure, etc. Esses são os papéis e temas que ela inclui na atividade lúdica porque é esse o universo que lhe é acessível.

Porém, a escola tem a função de ampliar o universo ao qual ela tem acesso, essa é a função do ensino de qualquer área do conhecimento e com a atividade lúdica não é diferente. E como, por meio da atividade lúdica, a escola pode ampliar o conhecimento da criança? Mediante a inclusão de novos temas a serem imitados, novos papéis a serem assumidos. Isso pode ser desencadeado por meio de filmes ou de livros de literatura infantil que tenham como tema diferentes tipos de atividade humana que podem passar a compor o repertório das crianças.

Os estudos realizados comprovam que o brincar, se assim conduzido, realmente pode promover o desenvolvimento dos pré-escolares. Por isso deve ser valorizado e utilizado nos centros de educação infantil. Esse tipo de condução, já elimina a idéia da atividade lúdica usada apenas como passatempo, por falta de opção visando ocupar o tempo ocioso da criança, é importante que a brincadeira possua temas e objetivos a serem alcançados. Dessa forma, é relevante que pais, educadores e profissionais envolvidos com crianças valorizem mais o brincar como momento agradável e saudável de aprendizagem e desenvolvimento.

Ao estudar o jogo protagonizado, observamos que essa é uma atividade lúdica que possui conteúdos, pois a criança brinca daquilo que ela vivência, de acordo com as relações que ela estabelece com as demais pessoas na sociedade. Por isso, é uma brincadeira que possui um papel formativo, com conteúdos. Nesse contexto é muito importante o papel do adulto, na mediação, no sentido de criar temas e possibilitar o acesso aos objetos, para que assim, a criança possa ter condições de representar diversos fatos da realidade e não apenas aquele vinculado ao seu cotidiano.

Desse modo, no decorrer do trabalho, fomos percebendo que o papel do adulto não é apenas o de mediar no sentido de estar junto da criança, ou o de criar espaços e tempo para que ela brinque, mas sim criar situações, estimular, oferecer subsídios (conhecimentos) para que a criança tenha o que representar. Começando primeiramente, por tornar acessíveis diversos objetos, para que ela possa manipular, sentir, apalpar, jogar. Posteriormente, o professor deve proporcionar condições e temas, para que a criança tenha temas – diferentes papéis – a serem imitados, ou seja, reproduzidos na brincadeira.

## 6. Referências

- ARCE, A; SIMÃO, R. A psicogênese da brincadeira de papéis sociais e/ou jogo protagonizado na psicologia do jogo de D.B. Elkonin. In: ARCE, A; DUARTE, N. (organizadores; Rossler. J. H... et AL.]. **Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin**. São Paulo: Xamã, 2006. P.65-88.
- ARCE, A; SIMÃO, R. Os estágios do desenvolvimento psicológico segundo a psicologia sociohistórica. In: FACCI, M. G. D. (organizadores; Rossler. J. H... et AL.]. **Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin**. São Paulo: Xamã, 2006. P.11-25.
- BOMTEMPO, E; ANTUNHA, E. G; OLIVEIRA, Vera Barros de. **Brincando na escola, no hospital, na rua**. Rio de Janeiro: Wak, 2006. 189 p.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para educação infantil**. 3v. Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 1.
- BROUGÉRE, G. Brinquedo e cultura/Gilles Brougère; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop – São Paulo: Cortez, 1995. V.43. p.97-100.
- CAMARGO, J. S; ROSIN, S. M. (orgs). O desenvolvimento psicomotor. In: ARRUDA, Roberto, Carlos. **Psicologia da educação: Compartilhando saberes**. Maringá: EDUEM, 2005. P. 23.
- ELKONIN, D. B. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: DAVIDOV, V; SHUARE, M. (Org.). **La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS (antologia)**. Moscou: Progreso, 1987. p. 125-142.
- ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. 2. Ed. São Paulo: Martins fontes, 2009.
- FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Caderno Cedes**. 24 (62): 64-81, 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>
- KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.
- KISHIMOTO, T. M. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LAZARETTI, L. M. DANIEL BORISOVICH ELKONIN: um estudo das ideias de um ilustre (des) conhecido no Brasil. 2008. 252 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista de Mesquita Filho, Assis, SP, 2008.
- LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10ª ed. São Paulo: Ícone, 2006. p.59-83.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10ª ed. São Paulo: Ícone, 2006. p.119-142.

MAREGA, A. M. P. **A criança de seis anos na escola: transição da idade lúdica para a idade de estudo**. 175f. Dissertação (mestrado em educação). Universidade Estadual de Maringá. 2010.

MARTINS, L. M; EIDT, N. M. Trabalho e atividade: categorias de análise na psicologia histórico-cultural do desenvolvimento. **Psicologia em estudo**. 15 (4): 675-683, 2010.

MUKHINA V. Desenvolvimento psíquico da criança no primeiro ano. In: MUKHINA Valeria. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.73-102.

SANTOS, S. M. P. dos. (org.) Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

VYGOTSKI, L.S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1996. v.4.

VIGOTSKY L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: VIGOTSKY L. S. **A formação Social da mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.121-137.

WAJSKOP G. **Brincar na pré-escola**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997, p. 19-34.

WAJSKOP, G. **Brincar na Pré-escola**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2005, 62 p.